

ENSINO CONFSSIONAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

**Ana Paula Veloso de Assis Sousa
Cristiano Chuquia dos Santos Orrico
Guilherme Soares Vieira¹
Idelci Ferreira de Lima
Laurentino Xavier da Silva
Luciano do Valle
Mauro Lúcio Meira de Oliveira Martins²
Nayala Nunes Duailibe
Rosangela Parreira Lopes Amorim
Valdivino José Ferreira**

INTRODUÇÃO

A capacidade de pensar é uma das características distintivas entre os seres humanos e outros seres vivos. Ao pensar o homem questiona na intenção de satisfazer seu ímpeto por conhecimento. Esse ímpeto por conhecimento é descrito por Salomão no livro de Eclesiastes 3.11 quando menciona que “Deus fez tudo formoso e apropriado para seu devido tempo. Também pôs o anseio pela eternidade no coração humano; mesmo assim o homem não consegue compreender inteiramente a grandeza das obras de Deus”.

Ao longo de sua existência o homem tem buscado aplacar esse “anseio pela eternidade” de várias formas. Como exemplo cita-se a busca da explicação para os fenômenos naturais, empreendida pelos primeiros filósofos gregos, o obscurantismo medial, o racionalismo moderno e o relativismo do pensamento pós-moderno.

A questão da busca do conhecimento é abordada por McGrath (2015) ao mencionar o desejo humano pelo entendimento do chamado “quadro completo”:

Ansiamos por encontrar o sentido das coisas. Ansiamos por ver o quadro completo, por conhecer a história em sua totalidade, da qual nossa história é uma pequena parte, mas ainda assim importante. Discernimos com acerto a necessidade de organizar nossa vida em torno de alguma estrutura ou narrativa reguladora. O mundo a nossa volta parece estar salpicado de pistas para uma visão maior da vida. Contudo, como podemos ligar os pontos para descobrir o quadro completo? O que acontece se estamos tão sobrecarregados de pontos que não conseguimos discernir um padrão? E se não conseguimos ver o que é importante em uma situação porque estamos dando atenção demais aos detalhes?

McGrath (2015, p.9-10)

Do anseio mencionado por McGrath (2015) surge uma insatisfação pelo fato do homem não conseguir compreender esse “quadro completo”. Tal incompreensão permanece mesmo com todo acesso à informação que se tem na atualidade. Isso ocorre porque, como assevera (McGrath, 2015, p.11), “informação não é a mesma coisa que sentido, e conhecimento não é a mesma coisa que sabedoria”.

Surge a partir daí um questionamento: onde o homem poderia buscar a ferramenta necessária para a compreensão do “quadro completo”? Alguns poderiam responder a ferramenta correta seria a razão, ou o conhecimento científico, entretanto esse “quadro completo” não pode ser alcançado apenas com a racionalidade, pois de acordo com Medawar (1985, p.66 apud MCGRATH, 2015, p.13), há importantes questões “as quais a ciência não pode responder e que nenhum avanço concebível da ciência a capacitaria a fazê-lo”. Pode-se citar como exemplo os questionamentos éticos e existenciais tais como “Por que estamos aqui?” E “Qual é o sentido da vida?”.

A ciência, conforme aponta McGrath (2015, P.14), embora forneça conhecimento e informação, é moralmente imparcial, por isso se fazem necessárias narrativas transcendentais que forneçam ao homem orientação moral, propósito social e senso de identidade pessoal. E é no âmbito dessas narrativas transcendentais que a fé cristã atua, pois vai além da racionalidade científica e apresenta uma perspectiva mais ampla da realidade.

O QUADRO ABRANGENTE DA COSMOVISÃO¹ CRISTÃ

Cosmovisão pode ser entendida como pressupostos e interpretações que se aplicam a realidade afim de que o mundo faça sentido. Em outras palavras são os óculos através dos quais todos vêem o mundo. Sendo assim todas as pessoas têm uma cosmovisão, mesmo que nunca tenham pensado sobre ela. De acordo com Sire (2012):

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação essencial do coração, que pode ser expressa com uma história ou um conjunto de pressuposições (premissas que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras, ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, de forma coerente ou não) a respeito da constituição básica da realidade e que se oferece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos. Sire (2012, p.179).

A identificação de uma cosmovisão pode ser feita, por exemplo, como sugere Nash (2008), através de questionamentos sobre cinco parâmetros, ou crenças centrais, a saber “Deus”, “Metafísica”, “Epistemologia”, “Ética” e “Antropologia” (Nash (2008), p.15).

Aplicando os parâmetros de Nash (2018) à cosmovisão cristã, sem a pretensão de esgotar as características de cada um, temos que (1) Deus é triuno; auto existente; eterno; pessoal (autoconsciente); infinito; onipotente, onipresente e onisciente; transcendente e imanente e bom; (2) O universo foi criado por Deus como um sistema aberto; (3) É possível conhecer tanto a Deus, quanto ao universo. O universo pela observação e Deus pela observação do universo (cf. Salmo 19 e Romanos 1.20), através de Jesus Cristo (João 1.18) e da Bíblia (João 5.39). Além disso, tem-se que a história é uma sequência linear de eventos significativos que convergem para o cumprimento do propósito de Deus; (4) A ética é transcendente, ou seja, baseada do caráter de Deus; (5) O ser humano foi criado à imagem de Deus; é pessoal(autoconsciente); inteligente; responsáveis; tem corpo (parte material) e alma (parte imaterial). Tem-se ainda que a morte não extingue a personalidade nem a individualidade. Ela é a passagem para eternidade com Deus ou longe dele.

¹ Termo cunhado pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Do alemão *Weltanschauung* que significa “forma de olhar o mundo”. *Welt*: mundo, *Schauen*: olhar, concepção.

Pode-se ampliar o entendimento da cosmovisão cristã através de mais quatro parâmetros, a saber, criação, queda, redenção e consumação:

- a) Criação: Deus criou todas as coisas com a finalidade de demonstrar sua glória. Criou também os seres humanos à sua imagem e os deu a prerrogativa de governar a terra e obedecê-lo.

Colson, Pearcey (1999, 15) comentam a criação da seguinte forma:

Em cada tema que investigamos, da ética à economia e até a ecologia, a verdade é encontrada somente em conexão a Deus e à sua revelação. Deus criou o mundo natural e as leis naturais. Deus criou nossos corpos e as leis morais que nos mantêm saudáveis. Deus criou nossas mentes e as leis da lógica e da imaginação. Deus nos criou como seres sociais e nos deu os princípios para as instituições sociais e políticas. Deus criou um mundo de beleza e os princípios da criação estética e artística. Em todas as áreas da vida, o conhecimento genuíno implica discernir as leis e as ordenanças pelas quais Deus estruturou a criação, e depois permitiu que essas leis moldassem a maneira como devemos viver. Colson, Pearcey (1999, p.15 apud RYKEN, 2015, p.43-44)

- b) Queda: o homem desobedeceu a Deus e se afastou dele escolhendo viver por si mesmo e não para a glória do criador e assim teve sobre si a condenação pela sua desobediência.

Discutindo as consequências da queda Ryken (2015) menciona que:

A partir daquele ponto, tudo deu terrivelmente errado. Vamos então lamentar as muitas consequências trágicas do pecado, a começar pela culpa. Antes mesmo que limpassem o sumo do fruto que escorria pelo queixo Adão e Eva souberam que eram pecadores.... O sentimento de vergonha sem precedente provocado por sua nudez foi um sinal denunciador de sua culpa diante de Deus. E por nossa solidariedade a Adão como nosso representante da aliança, o sumo de seu primeiro pecado também escorre pelos nossos queixos... Não apenas somos todos feitos “de um só” (cf. Atos 17.26), mas todos nós pecamos por um só homem. “Por um só homem entrou o pecado no mundo”,....., “por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para a condenação” (cf. Romanos 5.12,18). Ryken (2015, p.59)

- c) Redenção: Deus em seu amor decidiu resgatar o homem e livrá-lo da condenação eterna. Fez isso através da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Explicando a redenção Ryken (2015) assevera que:

Assim como a criação, a redenção é obra do Deus trino. Juntos, o Pai, o Filho e o Espírito tomaram a iniciativa amorosa de elaborar seu plano eterno para a redenção de nosso mundo perdido e caído. No entanto, o primeiro agente de nossa redenção é o Deus Filho. A salvação, ordenada pelo Pai e administrada pelo Espírito, é realizada pelo Filho. Esse é o grande tema das Escrituras: a salvação em Jesus Cristo. Ryken (2015, p.74)

- d) Consumação: Deus finalizará sua obra através do retorno de Jesus Cristo.

Abordando a consumação Ryken (2015) observa o seguinte:

Mas o que a cosmovisão cristã nos diz a respeito do mundo perfeito ainda por vir? Sabemos que, quando morreremos, entraremos na presença de Deus.... O que mais sabemos sobre o futuro? Sabemos que um dia Jesus voltará ao planeta terra... Jesus virá – como foi quando subiu aos céus – em nuvens de glória (cf. Atos 1.9-11). Esse acontecimento – que a Bíblia descreve como “a vinda” (cf. 1 Tessalonicenses 3.13) ou a manifestação (cf. 1 Timóteo 6.14) do Senhor Jesus Cristo – trará ao fim toda existência terrena presente.... Também sabemos que quando Jesus voltar, ele virá como o juiz do juízo final. Ryken (2015, p.92-93)

A cosmovisão cristã oferece um quadro abrangente da realidade. Neste sentido McGrath (2015) assevera que:

A forma cristã de ver as coisas cria o senso cognitivo e existencial da realidade, oferecendo-nos um relato poderoso, convincente e atraente de nós mesmos e do universo. O cristianismo não apenas atribui sentido a nós; também constrói sentido a partir de nós. Ele nos situa na grande narrativa da história cósmica e nos localiza no mapa mental do sentido. O cristianismo nos oferece outra forma de entender as coisas, outra forma de viver, e nos convida a compartilhar essas coisas. Precisamos nos concentrar em nossa vida, ter algo estável e seguro em que possamos descansar. (McGrath, 2015, p.179)

C.S.Lewis menciona sua convicção no cristianismo declarando que acreditava no cristianismo como acreditava no sol que se levantava, não apenas porque via o sol, mas porque podia ver todas as outras coisas através da luz irradiada por ele². Para C. S. Lewis o cristianismo proporcionava essa forma abrangente ou transcendente de ver o mundo.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA CONFSSIONALIDADE NA UNIVERSIDADE

Ao discutir o conhecimento no ambiente universitário Lopes (2008) aponta para uma de suas características mais marcantes, a pluralidade.

Segundo o autor:

Todos os que chegam à Universidade a cada ano logo se apercebem da pluralidade de entendimentos, concepções e valores que marcam o ambiente universitário. Embora a diversidade esteja presente em sua vida muito antes de se tornar um universitário, é aqui na Academia que o estudante sentirá mais de perto a sua força. A pluralidade é um dos conceitos ícones da nossa geração, uma das marcas da moderna Universidade...

Neste sentido Lopes (2008) lamenta o fato de várias universidades abandonarem a busca do que ele chama de “um todo coerente, de uma cosmovisão que dê sentido e relacionamento harmônico a todos os campos de conhecimento”.

²LEWIS C. S. “Is Theology Poetry?” In: C. S. Lewis Collection and Other Short Pieces. Ed. Lesley Walmsley. London: HarperCollins, 2000, p. 1-21.

O abandono deste “todo coerente” leva a uma fragmentação, que por sua vez, gera conhecimento cada vez mais segmentado e desconexo. Pereira (2014) analisa essa circunstância da seguinte forma:

A consequência da fragmentação é a perda da visão de conjunto e de inter-relação das disciplinas, fazendo com que nem o pesquisador nem o professor nem o aluno percebam o conhecimento no seu todo e nas suas articulações. A forma de fragmentação hoje é tão grande que além da falta de integração entre áreas, não há integração entre os campos da mesma área e, pior ainda, entre as disciplinas dos mesmos campos.

No tocante ao aspecto religioso esta fragmentação é percebida na separação que se faz entre “sagrado” e “secular”, que de acordo com Pearcey (2006, p.28) “restringe o cristianismo à esfera da verdade religiosa, criando mentes hipócritas e vidas fragmentadas”. .a esfera a esfera

Pearcey (2006) ainda aponta que existe uma clara dicotomia entre a “esfera particular”, ou “preferências pessoais” e a “esfera pública”, ou “conhecimento científico”. Isso, por sua vez, leva a uma “divisão fato/valor” na qual “fato” estaria ligado a todas as pessoas e “valor” seriam as escolhas individuais. A questão é sintetizada da seguinte forma:

Em suma, a esfera particular é levada pelas ondas do relativismo moral... A religião não é considerada uma verdade objetiva à qual nos submetemos, mas trata-se de uma mera questão de gosto pessoal que escolhemos... Como explica Schaeffer³, o conceito de verdade está dividido – processo que ele ilustra com a imagem de um edifício de dois pavimentos. No pavimento de baixo estão a ciência e a razão, consideradas verdade pública, atinentes a todo mundo. Em contrapartida, há o pavimento de cima, da experiência não-cognitiva, que é o lócus do significado pessoal. Este é o reino da verdade particular, onde ouvimos as pessoas dizerem “Isso é verdade para você, mas não é para mim”. Pearcey (2006, p.23)

A fragmentação também se manifesta no âmbito intelectual e é claramente percebida através da herança racionalista moderna que teve como um de seus legados a separação entre fé e razão. Tal separação vai contra os próprios preceitos da cosmovisão cristã, pois sendo Deus um ser inteligente, criou um universo inteligível e por isso pode ser conhecido através da razão.

Pearcey (2016) aborda essa fragmentação ao mencionar que existe uma divisão severa entre cérebro e coração, como se o coração fosse usado para a religião e o cérebro para a ciência. Aponta também que é crescente número de jovens cristãos que abandonam a fé ao ingressarem na faculdade. Segundo ela, os jovens cristãos precisam de uma educação em cosmovisão e apologética⁴ para equipá-los na análise e crítica de cosmovisões concorrentes que eles encontraram mundo afora (PEARCEY 2016, p.22).

Talvez se pense que essa deveria ser a função da igreja e de fato é, mas a realidade é que não se pode equipar esses jovens de forma satisfatória sendo que eles frequentam a igreja apenas aos domingos. É preciso que se tenha mais tempo e foco.

³ FRANCIS SCHAEFFER (1912-1984): TEÓLOGO EVANGÉLICO, FILÓSOFO E PASTOR AMERICANO. TORNOU-SE CONHECIDO POR SEUS ESCRITOS E PELA CRIAÇÃO DA COMUNIDADE L'ABRI (DO FRANCÊS, "O ABRIGO"), NA SUÍÇA. OPONDO-SE AO MODERNISMO TEOLÓGICO, À CHAMADA NEO-ORTODOXIA, SCHAEFFER DEFENDIA UMA FÉ BASEADA NA TRADIÇÃO PROTESTANTE E UM ENFOQUE PRESSUPOSICIONAL NA APOLOGÉTICA CRISTÃ. (FONTE: [HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/FRANCIS_SCHAEFFER](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Schaeffer))

⁴ APOLOGÉTICA DISCIPLINA TEOLÓGICA PRÓPRIA DE UMA CERTA RELIGIÃO QUE SE PROPÕE A DEMONSTRAR A VERDADE DA PRÓPRIA DOUTRINA, DEFENDENDO-A DE TESES CONTRÁRIAS.

Por outro lado esses mesmos jovens, de segunda a sexta-feira, ocupam os bancos das faculdades e recebem a devida formação técnica para cada área profissional específica. E é exatamente aqui que eles poderão ser equipados com apologética cristã conforme menciona Pearcey (2006). Para tanto é preciso que se viabilize a criação de grupos de estudos com temáticas teológicas cristãs como, por exemplo, introdução à teologia cristã, história da igreja, cristologia, apologética cristã, etc. E que se implementem mecanismos para que os estudantes universitários queiram participar desses grupos. Uma alternativa seria a atribuição de horas curriculares complementares a esses grupos.

Uma segunda sugestão seria a inclusão do ponto de vista confessional sobre os diversos temas abordados nas palestras, debates, e eventos em geral promovidos pela instituição de ensino. Calvino⁵ defendia que Deus era a fonte de todo conhecimento e por isso toda verdade é verdade de Deus. Sendo assim todo e qualquer assunto pode ser abordado pelo viés confessional. Uma prática como essa contribuiria para diminuir a separação cérebro-coração mencionada por Pearcey (2006).

Outra possibilidade seria a capacitação de professores através de cursos específicos para que os mesmos tenham condições de fazer a devida aplicação da cosmovisão cristã em suas áreas de atuação e disciplinas específicas.

Tem-se ainda a criação de cursos de graduação com viés confessional. Não são curso de bacharelado em teologia, mas por exemplo Pedagogia, Enfermagem, Biomedicina, Direito, etc.. Essa iniciativa na educação básica é chamada de Abordagem Educacional por Princípios⁶. Cursos dessa natureza poderia possibilitar o exercício profissional de forma totalmente integrada a confessionalidade religiosa.

As alternativas mencionadas acima, além de equipar tanto alunos como professores, em termos confessionais, iriam também possibilitar a visualização com mais clareza do “quadro completo” proposto pela cosmovisão cristã oferecendo sentido e propósito à vida.

CONCLUSÃO

A busca do ser humano pelo conhecimento nos remete a sua necessidade por encontrar o sentido e propósito de sua existência. Todos os esforços empreendidos pelo homem ao longo da história para encontrar tal sentido e propósito geraram frustração culminando na total perda de referenciais vivenciada através do relativismo contemporâneo. Por isso o homem precisa encontrar algo que o faça perceber esse sentido e isso é possível através do conhecimento da cosmovisão cristã, pois ela oferece o entendimento da realidade de forma ampla e completa.

As instituições confessionais podem atuar disponibilizando não só conhecimento, intelectual, mas também ensinando a cosmovisão cristã através de grupos de estudo, cursos com viés confessional e capacitações para que os professores apliquem a cosmovisão cristã à suas

⁵ João Calvino (1509-1564) – teólogo francês que foi um dos maiores ícones da Reforma Protestante.

⁶ A ABORDAGEM EDUCACIONAL POR PRINCÍPIOS É UMA ABORDAGEM DE ENSINO E APRENDIZAGEM QUE PARTE DO RACIOCÍNIO SOBRE VERDADES BÍBLICAS E IDENTIFICA OS FUNDAMENTOS DO CONHECIMENTO, CONDUZINDO À REFLEXÃO DE CAUSA-EFEITO, VISANDO PRODUZIR ENTENDIMENTO REALIZADOR E CARÁTER CRISTÃO. SUA APLICAÇÃO CONSISTENTE CONTRIBUI PARA FORMAR ERUDIÇÃO BASEADA NUMA COSMOVISÃO CRISTÃ E LÍDERES SERVIDORES APTOS A CUMPRIR O PROPÓSITO DE DEUS COM SUAS VOCAÇÕES. (FONTE: [HTTPS://WWW.AECP.ORG.BR/AECP/SOBRE-EDUCAO](https://www.aecp.org.br/aecp/sobre-educacao))

disciplinas. Assim elas estarão possibilitando uma transformação real na vida de seus alunos, pois este através da cosmovisão cristã irão finalmente experimentar uma vida com propósito e significado.

REFERÊNCIAS

- COLSON, Charles. PEARCEY, Nancy. **How Now Shall We Live?** Wheaton, IL. Tyndale: 1999.
- LOPES. Augustus Nicodemus. **Verdade e Pluralidade**. 2008 . Disponível em: <<https://www.mackenzie.br/chancelaria/artigos/cartas-de-principios/arquivo/n/a/i/verdade-e-pluralidade/>> Acesso em: 06/01/2019.
- MCGRATH, Alister E. **Surpreendido pelo Sentido**. São Paulo. Hagnos, 2015
- MEDAWAR, Peter B. **The Limits of Science**. Oxford: Oxford University Press,1985.
- PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta**. Rio de Janeiro . CPAD:2006.
- PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade**. In Revista Ensino Superior nº 14 (julho-setembro). Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/a-construcao-do-conhecimento-na-modernidade-e-na-pos-modernidade-implicacoes-para-a-universidade>> Acesso em 18 de janeiro de 2019
- RYKEN, Philip Graham. **Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- SIRE. James W. **Dando Nome ao Elefante**. Brasília, DF: Monergismo,2012
- _____. **O Universo ao Lado**. São Paulo: Hagnos, 2001